

Absurridades

PROSA POÉTICA

Mauricio Duarte

Absurdidades

PROSA POÉTICA

Copyright 2015 . Mauricio Antonio Veloso Duarte

Todos os direitos reservados.

Você não pode copiar, exibir, distribuir,
executar, criar obras derivadas nem fazer uso
comercial desta obra sem a devida permissão do autor.

Design de capa, página e diagramação:

Mauricio Duarte

Agradeço a todos o(a)s libertário(a)s e não-libertário(a)s que passaram pelo meu caminho.

Agradeço a todos o(a)s anarquistas e não-anarquistas que passaram pelo meu caminho.

Dedico esse livro a todos os amigos e amigas de caminhada libertária e anarquista; caminhada que hoje trilha na espiritualidade como neossanyasin a partir do mestre OSHO, agindo apenas quando e onde meu coração dita que preciso agir.

Sumário

1. Dura e crua realidade	06
2. Em dimensões alternativas eu fui monge	22
3. Sobrevivi	35
4. Imaginações à parte.....	47

Dura e crua realidade

Meio dia

Meio dia. Hora de almoço. A cada hora morrem 300 crianças por desnutrição. Você sabia?

Não gostaria de estragar o seu almoço sendo desagradável. Mas enfim, que isso importa? Você vai se nutrir da mesma maneira. Vai comer seu prato do mesmo jeito. Os 300 vão morrer com fome do mesmo jeito. Se a esperança num futuro melhor estará presente daqui a uma hora? Não sei. Não duvido nada que ela morra de fome também.

Soa até engraçado, não é? Olha que eu estou tentando ser sério. E você aí rindo. Mas vamos parar por aqui. Afinal, o almoço é uma hora sagrada. Uma hora. 300. Quantas vão morrer hoje? E estamos na metade do dia. Meio dia.

O ocaso da sua vida

Às cegas o feto empurra a barriga da mãe na gravidez. Às cegas, o bebê dá os primeiros passos, com alguns anos.

Às cegas, empina a pipa o menino, aos 12 anos de idade. Às cegas, chega o jovem aos 20 anos.

Às cegas, um indivíduo caminha aos 33 anos. Às cegas, o homem amadurece aos 40.

E logo quando iria ter olhos para ver o ocaso da sua vida, morre; mais ou menos, aos 65, cego também.

Meus novos amigos de madeira

Apertei os olhos e vi aquilo. Era verdade? Numa das ruas do centro do Rio era e é comum. Seria aquilo mesmo que eu estava vendo? Uma pessoa encolhida no meio de um monte de farrapos?

Não, era só um monte de panos rasgados, largados no chão por cima de dois caixotes de madeira. Mas bem poderia ser o que eu tinha visto num soslaio da vista. É que, dizem, vemos o que estamos acostumados a ver e o olhar, na percepção visual, completa o que está faltando para visualizar um quadro geral.

Se assim é, os caixotes de madeira empilhados no centro do Rio valem mais do que se fosse um mendigo encolhido porque foram notados, foram vistos por mim.

Eu dei dignidade àqueles caixotes, sem querer, porque olhar duas vezes denota respeito. E daí? Nada de mais. Num mundo materialista, isso teria que acontecer de um jeito ou de outro. Mas resolvi ir fundo na minha constatação.

Cheguei junto dos caixotes e perguntei se estavam precisando de alguma coisa. Eles responderam com um grunhido. Dei um sorriso e estendi algumas moedas para os meus novos amigos de madeira.

Afastei-me depois rapidamente a fim de não tirar-lhes a dignidade com a minha presença de “benfeitor”.

Fui claro nisso; então, os dois caixotes responderam-me com um “Deus lhe pague”. E eu retomei o meu caminho nas ruas do centro do Rio.

O shopping center mall

Lamentos e falatórios, lágrimas e rezingas marcam a passagem daquelas famílias por aquele local.

Antes havia uma ocupação de sem-tetos no prédio abandonado. Hoje só restam pedaços do prédio, já sendo demolidos também.

Logo será um shopping. Mais um dos inúmeros que existem na cidade. São como máquinas do tempo, sabia disso? Diz um dos sem teto. Porque levam as pessoas a esquecerem do tempo dentro desses lugares e a comprarem mais. Sempre mais.

Os shoppings são como monstros, você sabia disso? Diz outro deles. Porque engolem as pessoas e só vomitam quando essa gente já se comprometeu a gastar até o que não pode nas suas lojas, senão na mesma hora que entraram, ao menos depois, no cartão de crédito.

Mas as centenas de famílias desalojadas não sabem muito mais sobre esse shopping, porque não esqueceram do tempo nele e nem serão engolidos pelo monstro.

Lamentos e falatórios, lágrimas e rezingas marcam a passagem daquelas famílias por aquele local.

A voz da esperança

Já andei por cidades vazias e sombrias no cume da
alta noite.

Eu sei.

Já sobrevivi com poucas moedas no bolso.

Eu sei.

Já morri e ressuscitei em internações de clínicas.

Eu sei.

Já me alegrei sem motivo em centros de meditação.

Eu sei.

Já caminhei por areias de praias paradisíacas.

Eu sei.

Já especulei sobre a morte do Papa.

Eu sei.

Já cuspi na porta da igreja.

Eu sei.

Já pulei por caminhos proibidos.

Eu sei.

Já retornei de mãos vazias num encontro.

Eu sei.

Já vivi e fui revivido por choques elétricos.

Eu sei.

Só não sei mesmo é quando a indignidade de todos os homens vai fazer calar a voz da esperança que teima em gritar:

Estou viva...

O filho do canalha

– Está terminantemente proibida de ver esse canalha. Chega de sem-vergonhices nessa casa. – Foi assim que a mãe falou a Adalgísia quando ela mencionou o nome do namorado que a tinha engravidado.

A menina tinha apenas 17 anos e já ia ser mãe.

– E tem mais, você vai abortar, esse bebê não é bem vindo. Onde já se viu, moça direita como você, de família.

– Mas mãe...

– Não tem mas, nem meio mas.

– Não posso fazer isso mãe, um filho é uma benção de Deus...

– Não é não, senhora. Um filho, nessas condições, é uma lástima. Você não é nem casada...

– Muitas mulheres são mães solteiras.

– Você não, nada disso.

Finalmente, o pai também falou; queria também convencê-la do procedimento.

A menina rezou muito à Nossa Senhora e não tendo mais a quem recorrer, foi falar com o canalha, digo, o namo-

rado. O garoto fazia 19 anos naquele mês e só tinha tamanho. Disse que não podia arcar com as despesas do enxoval do bebê. Que era melhor fazer o que seus pais mandavam.

E Adalgísia abortou para alegria geral.

Vida noturna

Esqueço de dizer obrigado ao trocador do ônibus e mando prá conchinchina o ciclista que quase me atropela, quando eu descia do coletivo...

Ninguém é meu senhor. Como também não sou senhor de ninguém.

No balé das luzes da cidade, à noite, eu ando como que em transe... A vagar pelos becos, vielas e ruas desertas. Meto-me pelas avenidas, quero respirar o gás carbônico dessa metrópole.

Prostitutas, cafetões e ladrões em profusão, perto da praça. São eles os herdeiros das ruas, o espaço é deles. Nós somos apenas convidados...

Por fim, aborreço-me e entro numa disco para tomar uns goles. A música é alta demais, tem pessoas demais. É tudo demais. Saio logo do lugar pra respirar a noite de novo...

Passo pelos prédios, pelas construções, pelos viadutos e engulo sua grandiosidade medíocre. Na vida noturna, o lixo se espalha por onde quer que se olhe e os catadores também.

Mas nada que eu faça interrompe o seu fluxo...

Assim será

Por causa de sua opção sexual, Naam foi raptado por um grupo islâmico radical que abomina os costumes ocidentais e qualquer liberdade de pensamento que fira as suas susceptibilidades muçulmanas...

Como muitos outros e outras, gays e lésbicas no mundo árabe Naam será amarrado, terá o ânus costurado e será forçado a comer até a morte. Uma morte atroz...

Mas Naam gritará enquanto lhe enfiam goela abaixo a comida. Dirá em alto e bom tom, que Alah odeia todos eles e os amaldiçoará.

Assim será, Naam.

Assim será...

Os amantes do poder

Uma minoria domina com mão de ferro esse lugar..

No país da Copa do Mundo e das Olimpíadas, muita gente, 68% das pessoas para ser exato, é analfabeto funcional.

Como querer que se faça algo pela cultura, pela educação, pelo conhecimento se os amantes do poder mantém uma maioria em ignorância e não se interessam por mudar esse quadro?

Como querer que sejam fomentadas pesquisas científicas, que sejam formados intelectuais e cabeças pensantes se os amantes do poder mamam nas tetas do Estado e excluem do processo de decisão todos os desfavorecidos materialmente? Como querer que se difunda expertise ou know-how, que se promovam análises e trabalhos acadêmicos e os amantes do poder estão podres de saber que só com um projeto educacional isso poderá ser mudado, mas nada fazem?

Uma minoria domina com mão de ferro esse lugar..

Riquezas são diferentes

*No interior da capela, o homem reza, **absorto em súplicas...***

Não tem muita fé, mas esforça-se por estar consciente que Deus nos amou tanto quanto a seu filho. E que se esse mesmo filho é crucificado hoje na figura dos desvalidos em pobreza, o homem rezará por esses e principalmente por esses, a opção preferencial da igreja.

Muitos dali não saem sem antes rezar pelos carentes, mas *sua fé é morta.*

Porque esforçam-se por estar acima de todos e não observam que a graça maior é que somos iguais perante Deus. Mas quão diferentes somos em todas as gradações de riqueza e quão iguais somos na pobreza e na dor. Por que será isso? Será vontade divina? Quererá o altíssimo, desse modo, que padecendo na miséria nos tornássemos iguais?

*Não, **longe disso.***

Nós criamos nossos próprios males, medos e ignorâncias e depois queremos que eles desapareçam como num passe de

mágica. *Inútil querer **que isso seja entendido...***

Porque como pode remover uma palha do olho de alguém, se não enxerga uma trave no próprio olho? Assim disse o filho.

*No interior da capela, o homem reza, **absorto em súplicas...***

Andarilhos do próprio destino

Perambulando pelas ruas sem ter onde ir nem por que ir, os sem-teto são andarilhos do próprio destino...

Fala-se em identidade comum e em amor para com o próximo, mas a exploração do homem pelo homem continua mais e mais. Fala-se em gênese de um povo multicultural, mas não se move um dedo para minimizar condições sub-humanas de existência. Fala-se em valores culturais e em preservá-los mas é incomensurável o número dos que não sabem ler ou escrever. Fala-se em dignidade do indivíduo, do cidadão, mas é crescente o grupo de gente que não se reconhece assim.

Perambulando pelas ruas sem ter onde ir nem por que ir, os sem-teto são andarilhos do próprio destino...

Em dimensões alternativas eu fui monge

Classificação identitária contemporânea

Foi numa leitura de blog que o menino percebeu, finalmente, do que se tratava a sua peculiaridade de ser humano.

Descobriu-se assexuado, LGBT, heterossexual, negro, maconheiro, skatista, surfista, marombeiro, artista plástico, grounge, hacker, branco, ateu, místico, moreno, intelectual, índigo, cristal, vegetariano, vegano, católico, budista, hare krishna...

Sua idiossincrasia estava ali, enfim, agora sabia quem era. Mas não se contentou com isso e voltou a pesquisar.

Descobriu-se assexuado, LGBT, heterossexual, negro, maconheiro, skatista, surfista, marombeiro, artista plástico, grounge, hacker, branco, ateu, místico, moreno, intelectual, índigo, cristal, vegetariano, vegano, católico, budista, hare krishna...

A missão

Maura tinha um pequeno negócio de doces e bombons recheados. Não vendia muito, mas era o suficiente prá se manter. Um dia, um homem do governo fez contato. Queria contratá-la para um serviço secreto da arapongagem brasileira. Sua missão seria realizar encomendas de doces com micro-localizadores.

Todo o segredo consistia em colocar o micro-aparelhinho fornecido pelo agente secreto num recheio de bombom que fosse degustado.

A minúscula traquitana estaria, assim, no intestino do alvo por um bom tempo, até que fosse expelido nos excrementos. A localização da pessoa seria conhecida. Maura seria altamente remunerada pelo trabalho...

Mas a moça não aceitou fazer parte do empreendimento. Argumentou que gostaria que as pessoas preferissem os seus doces por causa do sabor, por que eram gostosos e não por que estavam sendo subsidiados pelo Estado.

Maura fez muito sucesso nas vendas e nunca mais recebeu visitas do homem do governo.

Jaguariúna e o seu brasão

Ávido por uma boa história o jornalista descreve a cena do crime em Jaguariúna. E o colunista tece comentários sobre o que aconteceu. Mas o que houve nessa região do Estado de São Paulo? Uma violência, uma barbaridade.

Muitos correram a chamar a polícia, outros organizaram protestos. Incendiaram-se ônibus, destruíram-se estabelecimentos comerciais. Tudo por causa do bom nome da cidade. Exclusivamente por causa do nome. Como assim por causa do nome?

Cortaram fora a etimologia tupi.

Se o seu nome significa rio preto das onças, foi um crime colocar no brasão do município uma onça preta ao lado de um rio azul. O correto seria o brasão mostrar uma onça comum ao lado de um rio negro. Clama-se por justiça.

A iconografia de Jaguariúna não pode ser assim aviltada. Isso traz tantos e tão grandes inconvenientes à sua população como ter suas ruas interditas e um decreto

de calamidade pública pelo prefeito. Afinal não é a onça que é negra; é o rio que é negro.

Carregam-se barricadas, quebram-se vidraças. Palavras de ordem dos populares contra o brasão.

O caos recomeça.

Convoca-se a brigada do exército para aplacar a fúria dos manifestantes. A turba só foi ser acalmada com o uso de gás lacrimogênio e spray de pimenta.

Podia não ter ocorrido nada se o artista gráfico não tivesse errado na realização do brasão. Mas o jornalista achou uma boa história e o colunista teceu longos comentários com uma chamada na primeira página do jornal de segunda-feira.

Do outro lado da cidade

Anselmo ia toda semana ver uma moça, do outro lado da cidade. Mas não tinha sucesso nas suas investidas.

Ela dizia não saber ainda se gostava dele... Um dia disse: basta!!! Não vou mais lá. E nunca mais apareceu.

A moça, soube-se, ficou muito triste, adoeceu e meses depois, veio a falecer.

Anselmo converteu-se ao catolicismo e ia rezar todo dia do outro lado da cidade, perto de onde morara a moça.

Índigo

Alécio e Clarisse eram jovens hippies nos anos 1960 quando se conheceram. Casaram-se dez anos depois numa cerimônia hare krishna.

Certo dia, Alécio conheceu uma filosofia nova; impressionou-se tanto que negava-se a comer, negava-se a dormir e diziam que, sua mulher, também não o tinha na cama. Tamanha negação não poderia passar (como não passou) despercebida. Os vizinhos e amigos começaram a falar. O que tem esse homem?

Passara anos com essa atitude. Estava em jejum espiritual, disse finalmente, quando perguntado pela enésima vez.

Depois de muito tempo, esqueceram de Alécio. Quando foram o procurar só havia uma carta onde costumava ficar. Dizia na epístola: “Sou um índigo. Resolvi viajar para as estrelas. Vou viver meu destino”

Clarisse, após muito chorar, pôs-se a escrever e publicou um livro, que ficou muito *cult* entre os alternativos da época: “Minha vida com um índigo”.

Um Zamenhof das emoções

Uma vez indaguei porque havia tanto desentendimento no mundo se temos hoje tantos sistemas de informação? Quem sabe nossa comunicação seja falha? Quem sabe não precisaríamos instantaneamente saber o que o outro sente?

Se com a escrita de Biblos udemo atribuir sons aos desenhos egípcios, com os gregos adicionamos as vogais no que veio a chamar-se alfabeto e com os fenícios difundiu-se por todo mundo...

Poderíamos nós criarmos um alfabeto das emoções? A cada emoção corresponderia um som Assim: aaaahhhhhh. Significaria dor. Doutro modo: eeeerrrrrr. Significaria aprovação.

Com as emoções complexas como transcendência, por exemplo, usaríamos um mantra: Oooommmmm. Com emoções negativas, utilizaríamos algo semelhante ao vocábulo “não” em inglês: Nnnnooooo. E para a felicidade: ssssiiii

Certo, mas de que serviriam? Se é que serviriam para alguma coisa por que, se assim fosse, alguém já teria

pensado nisso. A resposta me veio muito tempo depois: Onde há trabalho, há prosperidade E onde há trabalho em favor do bom entendimento e da paz há amor florescendo...

Mas todos querem prosperar individualmente e sem con-siderar o próximo. Desse modo, a idéia do meu alfabeto “esperantista de emoções” ficou guardada.

Quem sabe alguém não a desengaveta nos próximos milênios.

Delírios são para serem delirados...

As catacumbas dos magos; resolveu finalmente, o título, o escritor. Um livro como esse tem que ter um início retumbante. Estou quase conseguindo acertar o tom. Vamos escrever: “Crenças são compartilhadas. Dizia o velho mago ao neófito, muito calmamente. É por isso que temos as egrégoras, a aura de um grupo espiritual em questão.

A comunidade de magos na sua soma de energias vibra-tórias, se eleva ou se contrai, de acordo com as frequências de determinado número de pessoas envolvidas.

E o que essa egrégora pode realizar? Perguntou o novato, em excitação. Tudo e nada, respondeu o idoso feiticeiro. Veja que podemos ter uma construtiva, tanto quanto uma destruidora. Tudo depende, disse o ancião pausadamente.

O equilíbrio é o objetivo, não o caminho entre os extremos. Por isso faça sua jornada atento e alerta.

Chegará o dia em que, para a egrégora, você será fundamental. E então, tomará meu lugar. E eu poderei descansar o repouso eterno”

Perfeito. A primeira página está pronta. Só faltam agora 26 capítulos e mais 599 páginas E as catacumbas dos magos será um sucesso editorial, um best seller, o melhor livro de todos os tempos. Literatura de fantasia digna de um Harry Potter.

Afinal, delírios são para serem delirados...

Numa certa dimensão paralela

Adentrar uma dimensão paralela é como abrir uma lata de minhocas. O que é seguro e claro na nossa realidade, é ligeiramente diferente ou totalmente diverso do que nós conhecemos.

Num certo universo, os livros em papel ainda existem e persistem sendo manuseados como a única opção de leitura.

Ao contrário da nossa realidade o e-book digital não chegou e a informatização parou no tempo.

Mas uma certa coleção de livros é considerada de auto-ajuda e classificada como literatura brega...

Renata fitou o livro pela enésima vez. Era óbvio que aquela leitura tinha mudado sua vida. Havia sido um bálsamo de grande contentamento aquele livro de auto-ajuda.

Mas como muitos o detratavam como literatura de baixa qualidade, a moça tinha vergonha, às vezes. Dito e exposto isso, parece estranho dizer que Renata tocou fogo na publicação.

Porém foi o que ela fez. Mas por que? Por que a opinião dos outros é tão importante assim?

Renata não sabe dizer. Tudo que ela sabe é que não tem mais o livro.

Acabou-se nas chamas e a fez pensar se não estava procurando uma aceitação. Algo para lhe dar distinção perante a sociedade, mais do que uma ajuda real.

Vai Renata, passa na vida procurando agradar a todos. Ignora que o livro era a Bíblia. Ignora a própria opinião. Ignora a si mesma...

Sobrevivi

Dissoluto ao domingo

Por ócio quero dizer aprender que nem sempre ser produtivo é o melhor, às vezes é o pior.

Por esquecimento quero dizer passar o dia olhando os jornais de semanas anteriores para evitar uma metástase cerebral.

Por descanso quero dizer sentar ao sol sem nada prá fazer e pensar que não há nada pra fazer, enfim.

Por perdas quero dizer esquecer que já é dia, na cama, com lençóis e perder a manhã e a tarde, só levantar de noite.

Por interesse quero dizer ler um livro de 400 páginas até acabar e depois comentar com alguém que já tenha lido também.

Por preguiça quero dizer reclinar-se na areia da praia mas não esquecer do bronzeador fator 20.

Por especial quero dizer colocar a sua música favorita prá tocar repetidamente e só parar quando o CD furar.

Por gratuidade quero dizer conectar-se com seu interior sem pseudo-mediadores.

Por diversão quero dizer cantarolar uma música só com o ritmo, sem letra, assim: nãñãñã. Só prá esquecer dela, completamente, depois.

Por vida quero dizer...

Não, não quero dizer nada; vida é vida mesmo e quem quiser que conte outra.

Os nobres e excêntricos verdinhos

Saiu na coluna do jornal O Sentinela da Notícia:

“Excentricidades à parte, o homem é um animal não-racional. Sim, por que só os mais excêntricos ou assim considerados, não poluem a natureza, não gastam os bens naturais indevidamente, ou não comem carne, por exemplo.

Embora muitos hoje, enfim, concordem que proteger a natureza é caso de primeira ordem; para a maioria, isso não implica, em ações práticas.

Pergunte a um pinheiro o que Vossa Alteza duque-árvore acha disso e o mesmo responderá: Não há no mundo praga maior do que o ser humano e, no entanto, é só dele que pode vir a salvação”

E a coluna, opinião do Dr. Bráulio Marcondes Ferraz, fechava com os dizeres:

“A ti homem e, só a ti,
é dado o poder de vida
ou de morte,
conforme a tua consciência
ou excentricidade...”

O soldado questionador

A guerra, como toda ação beligerante, é considerada quando não existem alternativas diplomáticas e pacíficas, disse o general aos seus comandados.

– E quando a aniquilação total e irrestrita de um povo é considerada? – Perguntou Cláudio, um dos soldados.

– Como assim, recruta?

– Quando consideramos utilizar mísseis nucleares?

São uma opção?

– As forças armadas brasileiras não dispõem desse armamento.

– Mas qual o nosso posicionamento? Nações amigas os possuem ainda...

– Não consideramos isso, soldado. São circunstâncias de um conflito. Não há uma decisão padrão para esse caso.

– Então não deveria ser padrão aniquilar um indivíduo que é um representante de um povo, também.

O general não confirmou e nem discordou. O comentário gerou risadinhas e conversas paralelas na tropa, logo abafadas.

O comandante resmungou e continuou as explicações.

A argumentação chegou ao alto comando.

Cláudio foi afastado e promovido, semanas depois, para um posto, meramente administrativo, num local distante...

Breve histórico das relações de trabalho (e outras)

Numa grande corporação administrativa, os funcionários comunicavam-se, quase sempre por e-mail, para poupar tempo e dinheiro. E nem se sequer se viam, muita vezes.

Max declarou-se, pela manhã, depois de muito flerte, à chefe da sua seção, por e-mail. A mensagem dizia simplesmente: “Te amo.” Ela respondera na mesma hora. No e-mail de resposta, dizia: “Não tenho certeza sobre os meus sentimentos a respeito de você, mas nos falaremos hoje... Irei terminar os formulários. Beijos.”

O dia foi passando e já era o meio expediente quando viu um e-mail na sua caixa de recados. A nota dizia: “Os formulários estão aí. Não decidi sobre nós ainda... Estou indo almoçar. Beijos. Volto já.”

Max acabou de ler a mensagem da moça, objeto da sua paixão e continuou a preencher a pilha de formulários. Mas logo teve que sair também para encontrar-se com um cliente e o resultado foi outro desencontro entre os dois.

A nova nota da senhorita dizia: “Estou em reunião. Quando acabar te chamo... Beijos. Até logo.”

Tudo era feito na firma para poupar tempo e dinheiro. E assim eram as relações dentro daquela organização e tudo corria bem daquele modo.

Então Max adiantou-se à resposta da moça, para poupar tempo e dinheiro, seguiu as normas da empresa, à risca e mandou outro e-mail, no final do dia, onde dizia: “Mudei de idéia sobre nós... Os formulários estão prontos. Eu me demito; estou indo embora. Não espere por mim. Até nunca mais.”

Biscoito da sorte

Mordi o biscoito e senti uma leve pressão entre os dentes. Tirei o resto do *snack* da boca e fui ver o que era.

Era uma pedra.

Um pedaço de pedrinha dura estava lá... Se todos os meus problemas, questionamentos e contradições fossem reunidos num minúsculo pedaço de pedrinha num biscoito, ainda assim, morreriam pessoas pela violência urbana em todo o mundo.

Ainda assim, seriam exploradas pessoas em trabalhos mal remunerados em todo mundo.

Ainda assim, governos ditatoriais continuariam a abafar as vozes em todo o mundo.

Ainda assim, seriam entorpecidas pessoas pelas drogas, legais ou ilegais em todo o mundo.

Ainda assim, seriam assassinadas crianças pela fome em todo o mundo.

Ainda assim, pessoas viveriam entre o lixo e a degradação em todo o mundo.

E mesmo assim, a pedrinha continuaria ali a lembrar-me que meu problema mais premente é uma pedrinha num biscoito.

O bilionário da loteria

Com a pertinácia de um Tio Patinhas ao mergulhar na sua piscina-cofre de moedas, o homem passa os dias a contar dinheiro.

Ganhou bilhões na loteria ainda jovem, aos 20 anos e não gasta nem um centavo. Fez aplicações, comprou ações, investiu, multiplicou a soma do que tinha. Mas ainda assim vive uma vida espartana. Não gasta coisa alguma. Embriagado pelo gosto de fazer dinheiro, ele compra mega-corporações e as faz ainda maiores.

Não sai nem um centavo do seu bolso. Mas a sua conta bancária é voluptuosa. Possui ilhas no litoral da Oceania, mas não as visita por medo de perder dinheiro.

Quando envelheceu, quis esbanjar. Morreu, já idoso, no dia em que deu a primeira festa em comemoração ao bilhete de loteria que lhe deu uma fortuna há 40 anos atrás.

Seu epitáfio dizia:

“Aqui jaz o homem mais rico do mundo,
ganhou tudo o que podia carregar: dinheiro.
Perdeu apenas o que não podia carregar: vida.”

Coração assim, assim

Estanquei o sangue, retirei o pus do meu ferimento, mediquei, cobri com uma gaze e preendi com esparadrapo. Mas aqui no peito não adianta...

Se eu fosse médico de sentimentos extirparia essa dor no coração. Mas a pontada bem aqui não passa e numa tarde de 2002, já não posso mais com isso...

Se ao menos eu soubesse que sem você, minha linda, não vou melhorar, mas nem isso o diabo da dor me diz então faço de conta que não sei, e me faço de bobo para viver...

Adeus, tome seu caminho, esqueça de mim (acho que isso você já fez!), busque um novo amor e seja feliz. Talvez assim o agulhão no meu peito não doa tanto... Só não deixe de lembrar que num dia desses do milênio passado (já faz tanto tempo!), teve comigo o mesmo compasso do coração para que o bichinho não morra de tristeza e pare de bater, assim, assim...

Imaginações à parte

Caminhos tortos

Estavam o crente e o apóstata no enterro do parente anarquista a olharem o esquife ser sepultado bem devagar...

– Que caminhos tortos são os nossos, não é? – Disse o ateu de repente. – Ele foi um homem de grandes ideias e ideais, mas tudo acabou, está debaixo da terra.

– Aprendi que nas vicissitudes forjam-se os melhores guerreiros. E que Deus dá as maiores batalhas a esses mesmos guerreiros.

– Do que você está falando? Perguntou o descrente. Que batalhas? E que guerreiros?

– Falo da vida meu amigo, falo da vida e de tudo o que somos e havemos de ser perante os desígnios de Deus.

– Que desígnios são esses? – Inquiriu novamente o ateu. Deus não dá o livre-arbítrio? Não é ele bondade suprema?

Então o crente se calou. Inútil argumentar com alguém que ignora que Deus olha por todos, até pelos apóstatas.

- Tá bom, tá bom, já entendi. O silêncio é a melhor resposta. Mas só me diga uma coisa: Quem diria, logo você defendendo o morto?

Não importa o que se diga a tal pessoa, pensou o crente, você acaba caindo no nível dela e ela te vence por experiência.

- Sei porque você ficou calado. Mas não importa, é como dizem, a vida continua.

- Sim, a vida continua prá quem ainda vive. Caminhemos com nossos caminhos tortos, esperando que possamos nos ver no juízo final ou ao virar a esquina; tanto faz... - finalizou o crente, por educação.

Sangue de quem, Estevão?

É já alta madrugada quando Estevão sai da festa no inferninho do Estácio. Bebeu e farreou como sempre. Tateia, procurando o seu carro na garagem e cambaleia, apoiando-se no muro próximo,

manchando de sangue a parede.

Sangue de quem, Estevão? Teria o homem cortado as mãos com alguma coisa? Não, nem sinal disso. O sangue era dos que ele vai matar, hoje ainda, ao dirigir bêbado. Mas como?!? Num lapso do tecido da existência no espaço-tempo, ou num milagre (conforme for a crença do leitor) o sangue apareceu nas suas mãos, antes do acontecido.

Se fosse crente, Estevão reconheceria o sinal. Se, ao menos, o cachaceiro fosse leitor de literatura de fantasia ou, quem sabe, supersticioso, desistiria da viagem. Mas o homem tem, isso sim, uma fé inabalável na sua capacidade de guiar e não esmorece nem nas piores adversidades ou problemas. Visto que não ficara impressionado e nem se abalara, pôs a máquina pra funcionar e partiu da garagem, rumo à escuridão da estrada,

alcoholizado e ensangüentado...

O sorriso de Anita

Por cada centavo que eu receber, darei a mesma quantidade de sorrisos por hora... Tomou a resolução, Anita.

O problema básico era que a moça recebia R\$ 1.500,00. Isso daria o número de 36.000 sorrisos por dia.

Anita não esmoreceu e continuou com o plano, certa do sucesso...

Mas ficou conhecida no trabalho com o apelido de esfinge sorridente.

Criação

Por um canto novo que reverbere nos corações e vivifique as paixões, eu faço meus versos e prosas, a fundo; com a verve de desgarrado, de proscrito, de renegado mesmo...

Busco entornar o copo da beleza e do ardor em unísono com o som da existência para enfim trazer em carne viva o prazer de escrever..

Traço um traço no ar, à espera do amor, que quando vier, faça-se luzir, faça-se brilhar. Traga-me para dentro da sua luz quente e cálida...

Mostre enfim, o destemor de Dom Quixote ao enfrentar os moinhos-monstros ou de um escravo romano frente a frente com a morte, lançado aos leões. Tinja com sangue minha íris...

Meça, enfim, a medida do meu caminho e extrapole todas as convenções, para elevar minha alma num sorriso do velho de barbas brancas da Bíblia...

Como um Lewis Carroll

Olhando através do espelho com uma gatinha branca, vi mundos desconhecidos, onde se anda de traz para a frente... Vi um fiscal pedindo bilhetes num trem que ia prá lugar nenhum, ao lado de um bode...

Vi Tweedledum e Tweedledee perguntando o que recitar...

Vi o adorável Ovo, Humpty Dumpty, encima do alto muro...

Vi o Leão e o Unicórnio, levantando-se, cheios de raiva...

Vi até o Rei e a Rainha a discutir interminavelmente...

Mas não vi você, Alice, aquela que eu tanto adoro. Onde estará?

Fugiu de mim e me deixou só com a imagem através do espelho.

Sozinho, sem Alice fico como um Lewis Carroll, com uma gatinha branca e um reflexo solitário...

Copacabana, princesinha do mar

Pela Avenida Atlântica o executivo caminha, a entregadora corre, a mendiga pede e o cachorro mijá no acostamento.

Pela Barata Ribeiro o palhaço brinca, a esportista joga, o trabalhador labuta e o gato mia no asfalto.

Pela Santa Clara, o jornalista vende, a policial observa, o motoqueiro passa e o pombo caga no parapeito.

Pela Princesa Izabel, o guarda apita, a motorista acelera, o maconheiro fuma e o tatu se esconde na praia.

Mas ninguém ouve o coro dos anjos, em uníssono, na Nossa Senhora de Copacabana a mostrar que a vida chama, a esperança espera, a beleza adormece, a singeleza clama e o amor padece...

A sanha do poeta

Um poeta-policia? Não. Um poeta se parece mais com um marginal do que com um homem da lei.

“Seja marginal, seja herói.” Já dizia o artista no seu delírio...

Doce e fugaz é aquele momento em que você lembra sobre a infância.

Só lembra das coisas boas. As coisas ruins passam como que numa névoa da sua cabeça.

É comum fantasiar muito e “rememorar” o quanto era bom, quando na verdade era péssimo e você não aproveitava, você odiava.

O modo como os adultos o tratavam, as outras crianças idiotas, as professoras mandonas no colégio, os parentes irritantes nas festas de aniversário.

Só lembro de achar bom uma coisa. Ler minhas histórias-em-quadrinhos de super-herói, nelas eu sei (e tenho certeza) que tinha prazer mesmo.

Eu até recordo de quando decidi ser um herói, quando crescesse, eu seria um policial.

Eu sempre fui a autoridade em todas as brincadeiras de bandido e polícia. Ao menos, as que eu me lembro...

Poeta-herói, poeta marginal... onde foi que esqueceu sua virtude?

Clonagem

Adolfo gostava *das coisas espetaculares*.

Fazia de tudo por isso.

Adorava o espetacular Homem-Aranha e até já tinha lido a teoria da sociedade do espetáculo de Guy Debord.

O homem queria fazer um clone seu para representá-lo em todas as ocasiões chatas da vida: Como em filas de banco, filas de caixa e outras. Utilize um online banking, Adolfo e faça suas compras pela internet.

Não, diz Adolfo, um clone *é muito mais espetacular...*

Arnaldo e “o suco de uva”

Impressa no rótulo da garrafa deveria vir escrito: “Veneno. Cuidado. Mantenha fora do alcance de crianças”

Mas Arnaldo Tinha apenas 4 anos e, embora já soubesse ler, mais ou menos, não leu isso. Leu, ao contrário, “Produzido Com as Melhores Uvas da Serra Gaúcha.” Suco de uva... Que beleza!

Tomou a garrafa toda. Seus pais não acreditaram quando viram aquilo. Arnaldo bebia como uma esponja. Sem nem tossir ou pestanejar.

Acharam até engraçadinha a novidade. E nem quando a mãe, depois, achou aquilo perigoso, ninguém disse nada...

O menino tornou-se alcoólatra aos 14 anos de idade. Aos 19 teve um coma alcoólico, do qual saiu, sem maiores problemas.

Pelo menos, assim pensavam, seus pais. Só que o rapaz, ao voltar da inconsciência, mudou da água para o vinho...

Ou melhor, do vinho para a água. Não bebia nem sequer uma gota de álcool. Passou a freqüentar a igreja evangélica, estudou muita teologia, testemunhava sua mudança de vida todos os domingos, casou-se com uma fiel e aos 25 anos já era pastor num templo perto de sua casa. Hoje em suas pregações diz, como lição pessoal, que como cachaça é água que passarinho não bebe, assim também, vinho não é suco de uva.

Impressa no rótulo da garrafa Deveria vir escrito:
“Veneno. Cuidado. Mantenha fora do alcance de crianças”

Dois dedos

Procuro em vão por um consolo Não há nada que me faça aquietar a não ser uma ida lá fora.

Dois dedos de cachaça e dois dedos de prosa sobre o futebol da seleção.

Espetos furam minha carne. Não sei de onde eles vem, mas que eles existem, existem.

Aos cinqüenta anos ninguém se julga melhor do que ninguém, mas também não era prá ser pior, era?

Gratuitamente uma dor da coluna me aflige. Onde ela viria senão da minha decrepitude?

Assobiando uma canção qualquer, eu chego no bar. Peço dois dedos da canhinha.

Logo avisto um companheiro de copo para dois dedos de prosa, sobre o futebol da seleção.

Sobre o autor:

Mauricio Duarte é natural de Niterói, RJ. Escritor, poeta, artista plástico e ilustrador, Mauricio é formado em Desenho Industrial – Programação Visual na Escola de Belas Artes da UFRJ.

Tem duas antologias de contos publicadas sob demanda: *Conspiração Literária e Conspiração Quadri-nhográfica*, além das coletâneas de poemas, *Poesia Brutista, Simultaneísta e Estática* ; *Pedaços de uma vida* . antologia de poesia e *O teu silêncio gritou* . antologia de poesia. Foi premiado pela ABD com medalhas de prata e de destaque concernentes a sua participação em salões de arte e literatura como poeta. Foi premiado também com a menções honrosas em poesia nos concursos XXXV Concurso Hermando Continentes, XXLI Unidos pela Palavra e XLV Concurso Internacional de Poesia y Narrativa “Palabras sin Fronteras.” todos do Instituto Cultural Latino-americano da Argentina. Foi premiado ainda, com a menção honrosa, no XXIV Concurso de Poesia da ALAP em dezembro de 2013. Atualmente participa também do desafio Romance Brasil, para mim basta um dia, do Núcleo de literatura da Câmara dos Deputados de Brasília, o site Desafios dos escritores com o romance OS ARCANOS de sua autoria.

Publicou sob demanda, em 2008, o livro *Anti-arte . experimentos em artes visuais e poesia conspiracional*. Fez

parte do Catálogo Biennali Del Libro d'artista da LineaDarte em Nápoles, na Itália em 2009. Já participou de duas exposições virtuais coletivas na Galeria Monalisa: Talentos 2010 e Formas e Cores em 2011. Teve sua obra publicada no Catálogo Anuário Brasileiro de Artes Plásticas Consultada Editora Roma, em São Paulo, 2011. Teve sua biografia incluída no livro Perfis Biográficos de artistas gonçalenses pela São Gonçalo Letras e Prefeitura de São Gonçalo em 2011. Participou da exposição Livre para Criar, em 2011, da NG Arte Galeria e da exposição virtual coletiva Legado da Arte no ano de 2013. Atualmente faz parte do catálogo online da NG Arte. O artista já foi colunista do site No Mundo e Nos Livros onde realizava contribuição bimestral para coluna sobre artes visuais e literatura e atualmente é colunista do site Divulga escritor numa coluna sobre artes visuais e literatura. Também atualmente participa do Desafio Romance Brasil, para mim basta um dia, do Núcleo de literatura da Câmara dos Deputados de Brasília, o site Desafios dos escritores com o romance OS ARCANOS de sua autoria.

Mauricio mora em São Gonçalo e é conhecido como Anuragi, seu nome como neossanyasin.

Este livro foi editado no verão de janeiro de 2015
nas tipologias Linux Biolinum G e Cambria.